

COLUNA DO CASTELLO

MARCELO PONTES

Três recados do presidente eleito

Pelo menos três recados dos que foram dados ontem pelo presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso, na saudação aos governadores eleitos, merecem ser destacados. O primeiro é o de que chegou a hora de os governos estaduais se unirem ao governo federal no esforço de saneamento das finanças públicas.

Isso quer dizer, de cara, que os bancos estaduais, até agora enquadrados apenas timidamente pela equipe do Plano Real, como na proibição de emprestar dinheiro aos seus próprios governos, terão que passar por dura dieta, se não forem forçados a mudanças mais radicais.

É frequentemente discutida a idéia de que um governo de estado não precisa ser dono de um banco comercial comum, embora possa ter um banco de fomento à produção. Este é um tema de que se ouvirá falar muito de agora em diante.

O segundo recado de Fernando Henrique é o de que a estabilização da economia continuará sendo um processo, sem pacotes, sem sobressaltos, sem sustos. Nada será feito de forma apressada, disse o presidente eleito. Tanto que Fernando Henrique resiste, inclusive, à idéia defendida por muitos dos seus aliados políticos de começar o governo com alguma medida de impacto.

Não faltará assunto para impacto logo na montagem da estrutura do governo, que deve anteceder a nomeação dos novos ministros, mas nem aí Fernando Henrique quer permitir a impressão de que se instalará no poder como um furacão. Tem na cabeça a idéia de extinção de alguns ministérios e a fusão de outros, mas preocupa-se muito mais em criar condições para que o Palácio do Planalto seja política e administrativamente muito forte.

O ministro da Fazenda e a sua equipe de economistas não formarão um governo paralelo dentro do governo Fernando Henrique, como

dê certa forma chegou a acontecer com o ministro Fernando Henrique no governo Itamar Franco. O ministro da Fazenda de Fernando Henrique será o próprio Fernando Henrique. O segundo na Fazenda, pelos sinais captados até o momento, será um destes três: Clóvis Carvalho, Pedro Malan ou Edmar Bacha.

Antes de escolher o ministro da Fazenda, o futuro presidente dará a esse ministério uma nova configuração. Fernando Henrique não quer que a Fazenda seja mais o ministério forte que sempre foi. O ministro da Fazenda é forte porque a economia é fraca. Na hora em que a economia se estabilizar e a inflação ficar domada e protegida por reformas de fundo na estrutura do Estado e nas relações do governo com a iniciativa privada, os problemas econômicos em grande parte serão resolvidos pelo mercado e pelo Congresso Nacional, e não tanto assim pela equipe do governo.

O Ministério da Fazenda ideal imaginado por Fernando Henrique cuidará apenas da Receita e do cofre do Tesouro. As políticas econômicas sairão de outro lugar. Assim, é de se esperar que os ministérios da Indústria e Comércio e da Ciência e Tecnologia terão grande importância no governo Fernando Henrique.

O terceiro recado do presidente eleito no pronunciamento de ontem foi a reiteração de que os seus interlocutores no mundo político serão os presidentes de partidos e os líderes no Congresso. Pimenta da Veiga (PSDB), Jorge Bornhausen (PFL), José Eduardo Vieira (PTB) e Luiz Henrique (PMDB) serão os primeiros a se sentar à mesa de negociação com o futuro presidente. A escolha dos líderes das bancadas ganha maior importância pela credencial de que estarão revestidos e pela pauta de reformas que terão pela frente.